

Arquitetura de Campos do Jordão

Os estilos às vezes ainda se confundem, mas há quem afirme que certas edificações “têm um jeitão de Campos do Jordão”

Fotos: Vandeir Rodrigues e Kadu Schiavo

Texto: José Roberto Damas Cintra

Na verdade, a arquitetura dos “Campos dos Altos da Mantiqueira” desenvolveu-se juntamente com a cidade e foi se transformando na medida que Campos do Jordão também foi alterando sua vocação.

Estranho dizer isso, mas, certamente os três ciclos da sua história, como o ciclo da passagem dos tropeiros vindos do Vale em direção à Minas Gerais, o ciclo da tuberculose e, a partir da década de 40 do século passado, o ciclo do turismo, deixaram suas marcas e enraizaram o jeito de arquitetar e construir na cidade.

O que se verificou ao longo de mais de um século - o que perdura até hoje - foi uma verdadeira mistura de padrões, quase sempre trazidos de fora pela forte influência da migração estrangeira no pós segunda guerra mundial.

Além do mais, já em pleno ciclo do turismo, a nossa arquitetura começou a se espelhar nas tendências observadas em países de clima frio. Nada mais natural que isto, haja vista as nossas condições climáticas especiais, ou clima temperado de altitude.

A influência do clima foi essencial na adoção de sistemas construtivos específicos, tanto na promoção de ambientes confortáveis, quanto na aplicação de materiais que, dadas as suas características físicas, possuem qualidades que ajudam na conservação do calor, além do seu aspecto estético, peculiar das montanhas.

Daí, as residências e edifícios ostentarem em suas fachadas, as madeiras, tijolos aparentes, pedras, pés-direitos mais baixos, além dos telhados mais agudos, que na verdade seriam o que chamamos de “cortaneve”. Porém, na ausência dos flocos brancos, vamos

fazer de conta que eles existem e passamos a admirar uma paisagem urbana diferenciada da grande maioria das cidades brasileiras. Os telhados agudos, proporcionam também o seu aproveitamento, resultando nos “sótãos” em certos casos a parte mais aconchegante, principalmente no inverno.

As lareiras se apresentam como os grandes e indispensáveis acessórios, assim como os modernos aparatos de calefação.

Salvo algumas exceções, essa tendência de “estilo” veio adicionar um certo charme ao conjunto da nossa paisagem natural. Muito ao contrário de ser agressiva, ela se integra e despertou a cultura de plantar-se muito mais do que existia na década de 20, por exemplo.

No meu ponto de vista, mais ameno, ela hoje pode ser considerada uma arquitetura eclética que reúne uma série de maneiras de projetar e construir, inspiradas em estilos importados e adaptados pelos arquitetos e engenheiros brasileiros, criando uma forma própria de abrigar as pessoas.

A globalização também veio influir, não só a arquitetura local, como também aquela que se pratica no mundo inteiro.

Desde o tempo das construções sanatoriais, com suas paredes frias, pés-direitos altos, grande janelas que nada vedavam, até obras típicas em puro estilo Suíço, caso do Hotel Toriba e Refúgio Alpino.

O Orotour Garden, antigo Hotel dos Lagos, traz sua



Temos duas fotos que marcam bem como a nossa arquitetura veio “obrigar” os proprietários e a população em geral a emoldurar suas vivendas com vegetação exuberante (Não discutiremos aqui as questões ambientais).

Uma foto de 1929 do Morro do Elefante, voltada para o Alto do Capivari e Vila Inglesa, mostra uma vegetação que era a característica e primitiva paisagem da região, ou campos de altitude, apresentando matas somente nos vales que protegiam os cursos d’água. Quase não haviam casas. (pode-se ver foto similar a foto citada nas primeiras páginas desta edição).

A mesma foto nos dias de hoje, tirada do mesmo local, mostra um crescimento bastante considerável no número de construções, porém, em proporções maiores, cresceu uma vegetação expressiva com espécies não-nativas.

Ainda nestes dias, trocando idéias com um dos maiores arquitetos da atualidade, Jorge Wilhelm, que tem uma propriedade em Campos, este comentava a respeito: “Campos do Jordão não tem um estilo definido: tem um “jeitão”.

característica Normanda, recheado de detalhes construtivos interessantes, como também o Hotel Vila Inglesa e o Edifício Itapeva guardam características marcantes daquele país.

O início, também do século passado, marcou muito as construções populares. Quando não haviam restrições ao corte das araucárias (hoje protegidas por Lei) surgiam as casas de madeira, edificadas sobre pilares de pedras ou alvenaria, assoalho suspenso, criando os porões e paredes de tábuas com os “mata-juntas” de ripas. Fôrros do tipo paulistinha e cobertura, antes em zinco e posteriormente em telhas de barro.

Até sanatórios foram construídos neste sistema, que ainda hoje pode ser apreciado na Vila Ferraz e alguns exemplares isolados na cidade, como é o caso da Vila Jaguaribe, ali próximo ao Grupo Escolar.

Na verdade, sem sombra de dúvidas, o que os nossos arquitetos e engenheiros fazem aqui, tem servido de modelo para obras em outras localidades.

Um sem-número de profissionais jordanenses descem a serra e com eles, o nosso “jeitão” tem participado da paisagem urbana de cidades do país inteiro.

